**Ética Profissional em Psicologia**

Levinas produziu ampla reflexão sobre Ética, espraiada em diversos de seus textos. Ética é entendida por ele como a compreensão e busca do bem sem as alicerçar em alguma transcendência, mas encontrando-as no movimento da existência. Para ele, diferentemente do pensamento de Aristóteles, a essência do ser desponta no movimento da existência e não no *quidditas*. Sua reflexão busca e encontra a compreensão do bem na reflexão sobre o existir. “*Ser é existir*.” Existir não é uma abstração, um ideal, ou entidade, mas um processo *(que não está em suas partes, mas em sua totalidade)*.

Esse movimento expõe a identidade *(outra característica do ser)* que se manifesta *(no existir)*, como *(processo)* esforço do indivíduo para se manter o mesmo e para se tornar, mais e mais, si mesmo. Assim, a existência expõe o movimento extrovertido do eu para o mundo, tal como no êxodo. Nele, o indivíduo se estabelece para se desabrochar e se salvar através de sua relação com o outro. Este princípio alicerça sua ética na relação eu-outro, a qual ele entende como uma relação de responsabilidade.

Congruentemente com esse entendimento, a ética de Levinas é frequentemente chamada de ética da responsabilidade. Nessa relação desponta um dinamismo que pode ser chamado de uma economia de existência - na relação *(eu-outro)* porque surge da redução entre o eu e o outro como totalização através do trabalho, da possessão e de outras formas de compreensão *(conhecimento)*.

A ética é uma relação na qual, um não se apodera do outro, nem o compreende. Nessa atividade, o eu pode se considerar como medida para tudo. Explorando a relação *(eu-outro)*, Levinas tenta demonstrar que a responsabilidade para com o outro não provém do eu soberano (*por seu conhecimento e como medida para tudo)*, tal como apresentado no pensamento ocidental, mas no movimento da existência, no êxodo para o mundo.

Nessa visão, Levinas comunica que o outro não é mero objeto de conhecimento do eu, mas alguém com quem se estabelece uma relação de responsabilidade *(ética)*. Nessa forma de entender, ele reconhece e leva em consideração a subjetividade do outro, pela qual ele critica a razão instrumental do pensamento ocidental que não dá lugar ao aparecimento de outras razões. Ele entende a subjetividade como “a condição de ser para o outro”. Para ele, a postura do pensamento ocidental é uma forma de violência porque expressa a liberdade sem a responsabilidade sobre o outro.

Tal postura favorece o aparecimento da violência física, da dominação e do genocídio *(constatado em ideologias fortes como o negacionismo)*. Visando a realização dos próprios interesses e reconhecendo *(medo d)*o poder do outro o indivíduo tem diante de si a possibilidade de existência numa relação predatória, ou numa relação na qual um existe para o outro. Tais possibilidades surgem da percepção do outro *(“replicação do eu”)* com quem se pode estabelecer uma relação simétrica ou assimétrica *(o outro como uma irredutível alteridade)*. Diante dessas possibilidades, o indivíduo pensa.

A auto-preservação e o medo presentes na relação com o outro são os ingredientes do contrato social que é construído na reflexão. Pensando, o indivíduo pode transformar totalmente o medo em razoabilidade. Ele vive aquilo que Levinas chama de “*conatus essendi*” – a luta pela vida. Nesse movimento da existência o indivíduo reconsidera os interesses dele e do outro reconhecendo sua autonomia que o leva a se responsabilizar, entendendo que o pacto entre eles é um caminho para afastar as ameaças e riscos. Essa concordância advém do pensar. Pensar “é engajar-se... é ser no mundo” e não apenas contemplar.

Esse engajamento capacita o indivíduo para escutar o outro e para responder ao outro - duas implicações da responsabilidade. Essa capacidade não decorre de alguma “ordenabilidade” anterior à ação, tanto do eu como do outro, como algo pré-existente ao mandato do decidir, do querer e do saber. Levinas entende que o ponto de partida nesse movimento é o “*desinteressement*” que desponta como a primeira condição para o eu e o outro entrarem em uma relação de responsabilidade ética.

Completando essa compreensão, Levinas se refere ao outro como o rosto *(manifestação concreta de sua exterioridade)*. Nessa exposição, o rosto se abre e fala por si, se revela sem ser dominado, de modo que pode ser reconhecido como outro. A subjetividade que impacta nessa relação alicerça a receptividade ao outro de ser afetado. Associadas a esse alicerce, despontam a vulnerabilidade e a corporeidade. Nesse impacto nasce a ação de dar que não é reduzida à materialidade, mas produz um significado de complementaridade, de reconhecimento e de consciência ética.

O outro, manifestado pelo rosto, não é um mero indicativo *(de ação)*, mas um imperativo estrangeiro e vulnerável *(pode ser fraco)* que questiona meus movimentos *(a construção de minha existência)*. Ele também luta por sua sobrevivência e, igualmente, se movimenta, mas pode ser “destituído” através de alguma das formas de violência. Ele desponta como uma tentação para ser destruído. Nesse momento o eu percebe que isso é possível mas também se pergunta se isso é “permitido” *(se é manifestação do bem).*

A significância ética desse rosto aparece na sua “nudez”, não como um imperativo físico ou moral, mas como um pedido de interação e de respeito. Esse movimento do outro suscita no eu um movimento como uma autoridade ética, colocando-o diante da obediência a alguma proibição, ou diante de sua responsabilidade pelo outro, em sua vulnerabilidade. Esse movimento chama a atenção do indivíduo para o significado do outro como outro, fato que coloca a relação entre eles no campo da justiça e do bem. Essa responsabilidade diz respeito ao corpo, à economia e às condições de vida. A prova que o eu enfrenta é a negação *(o abandono do outro)*, ou o cuidado com ele.

**Pergunta**:

Para 15/06: Avalie potencialidades e limitações nos princípios que alicerçaram a reflexão ética de pelo menos um dentre os quatro pensadores estudados, considerando a ação profissional na Psicologia [Ensaio em até 4 páginas / Grupo de 5 membros].